



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17913 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

QUANDO A TEORIA NOS SALAVAM: questões de gênero e sexualidade

Adenir - UFBA - Universidade Federal da Bahia

QUANDO A TEORIA NOS SALAVAM: questões de gênero e sexualidade

Palavras iniciais

Como é bonito, instigante, múltiplo e provocativo o processo de colocar-se no lugar de quem percebe, sente e se move dentro das percepções que se tem e começa a ter a partir da sua história de vida e formação. Esse movimento de rememoração que vai ocorrendo e vamos tomando consciência de forma voluntária ou não, é despertado pelas nossas relações com e no mundo (HEIDEGGER, 2012). O que verdadeiramente nos atravessam, e por isso, nos tocam geram experiências (LARROSA BONDÍA, 2011).

Estas experiências vão formando o conjunto de saberes e não saberes que são mobilizadores das nossas formas de pensar e agir no e com o mundo. É fato que nem tudo se rememora, mas o ato de rememorar é carregado já de significado, pois, é possível que só nos venha à memória os acontecimentos que de alguma forma nos atravessou, mesmo que só agora ao ser rememorado ele ganhe significado ou outros significados, tendo como contexto de significação as percepções, concepções e relações coletivas do passado e do presente.

Assim:

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. (HALBWACHS, 2004, p. 51)

É nesse contexto de trazer à memória individual, mas que é coletiva, como ajuda-nos nesta compreensão o autor supracitado, que nasce o desejo e conseqüentemente à tecitura

deste texto. Visto que, as leituras, discussões e reflexões feitas no grupo de pesquisa que participamos, assim como as leituras dos textos das disciplinas do doutorado, reacenderam sentimentos e emoções que fizeram surgir fragmentos de memórias que nos levou a tencionar a discussão acerca do papel da escola e conseqüentemente da importância da educação em nossas vidas.

Portanto, o objetivo deste texto é pensar a importância da educação e da escola como lugares de tensão e possibilidades de deslocamentos epistemológicos na compreensão do papel do conhecimento e da teoria na vida de pessoas que precisaram se descobrir e realizar fissuras nos padrões regulatórios de performatividades sexuais.

Para isso recorreu como caminho metodológico à autobiografia com fragmentos narrados da história de si de um dos seus autores para compreender os movimentos que atravessam, modificam e formam a consciência e a resistência na luta pelo direito de existir, sempre em diálogo com vozes escrita que assinam por meios de outras histórias de vida, também marcadas pelas mesmas dores e capacidade de superação tendo como base a teoria e o conhecimento.

Ponto de partida como já mencionado será fragmentos de memória relacionados a experiência vividas no contexto da descoberta, aceitação e superação das dores provocadas pelas questões inerentes a orientação sexual. O fragmento de memória como recurso narrativo autobiográfico de um dos seus autores, homem cis, gay, branco e pobre. Enfatizamos com isso, que no momento que a narrativa for específica de fragmentos memória deste autor, ela será escrita em itálico para destacar o que é específico do fragmento de memória.

Avançando nas discussões tencionaremos a palavra *invisibilidade* muito usada atualmente em várias pesquisas que tratam da temática com fio interseccional das categorias: gênero, raça, classe e sexualidade para pensar outras maneiras de dizer o que ela tem proposto a dizer. Portanto, recorreremos à discussão de interseccionalidade para situar os fragmentos de memória dentro da discussão autobiográfica para tecer considerações importantes acerca das questões que não são invisíveis, mas silenciadas no contexto escolar da educação, especificamente da Educação Básica, onde os tempos dos fragmentos se situam.

Problematizando os conceitos: desenvolvimento das ideias basilares

As reflexões acerca do papel da escola e da formação na vida dos estudantes vêm sendo tencionada por nós há bastante tempo. Mas, foi durante a leitura do livro: Mudar: Método de Édouard Louis, juntamente com a discussão do texto de texto: Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade de Bell Hooks, que fomos tomados pelo desejo de pensar a partir de fragmentos de memórias como a escola, a formação e por

consequência a teorias contribuem muito para a libertação ou para a alienação. No nosso caso, somos tencionados a pensar a teoria e a educação como prática de liberdade. Todavia, entendemos que na maioria das vezes essa liberdade se processa mais no nível do entendimento de si, que das condições externas de expressão de liberdade dentro das amarras e interdições sociais e do poder. Mas, também a escola é palco privilegiado de silenciamentos dos corpos/vidas que fogem aos padrões estabelecidos pela sociedade racista, heteronormativa, sexista, branca e cristã.

Ao ler o livro *Mudar: Método fui tomado de lembranças profundas da minha infância e adolescência*. *Precisei para a leitura, respirar profundamente, naquele momento não contive o choro e me lembrei de muitos momentos que vivi, principalmente na adolescência.*

[...] Por que o Eddy fala assim? Nós não criamos ele para ser viado, eu não entendo. Ele não pode agir um pouco de maneira normal? Viado. Aos cinco ou seis anos entendi que essa palavra me definiria e me acompanharia pelo resto da minha existência. O que você não sabe, porque eu escondia de você, é que essa palavra me seguia por todos os lugares, não apenas em casa, mas também nas ruas da cidade, na escola, por toda parte, e que você não era o único que estava preocupado. (LOUIS, 1992, p. 24)

Nesse momento me veio à memória, o que eu precisei fazer para sobreviver diante do que eu era e nem sabia que era! Um viado. Veio-me a mente os insultos que sofria na escola e no bairro onde morava quando criança. Eu não entendia porque eu era diferente das outras crianças da mesma idade. Enquanto os meninos gostavam de brincar de carro, eu preferia brincar de boneca com as meninas. Na escola minhas amigas eram mais com meninas e os meninos me evitavam ou eu os evitavam, não sei bem. Apontavam que eu rebolava muito ao andar e era inevitável as brincadeiras e apelidos que me caracterizava no feminino.

Foi inevitável não me lembrar do esforço que eu passei a fazer para parecer “normal”, das noites pensando porque eu era diferente dos outros meninos? O que eu tinha feito para ter nascido daquele jeito, tão estranho, e anormal. Comecei a criar um personagem. Treinava como falar mais grosso, como andar “direito”, com minimizar os trejeitos femininos. Eu lutava com todas as forças para encontrar uma saída.

Eu fui uma criança e um adolescente com muitos momentos de tristeza e constrangimentos. Eu tinha medo de ser apontada nos lugares. Cada gesto de canto de boca, cada sussurro baixinho com o “olha o viado”, era como se eu sentisse uma faca afiada atravessar a minha carne. Desse momento em diante começava um monólogo na minha mente, com um monte de perguntas sem respostas. Estas perguntas mais me machucavam que ajudavam a entender a minha condição. Eu lutei com todas as forças para ser diferente!

Ao ler o que Édouard Louis escreveu fez-me lembrar de uma idéia forte que me ocorreu por um tempo e alimentou em mim, um fio de esperança. Esperança verdadeira em meu espírito, pois nessa época eu ainda não sabia o que eu realmente era em termos de orientação sexual. Ele assim escreveu:

[...] Minha ideia era simples, achava que minha chegada a um lugar em que não conhecia ninguém e onde ninguém me conhecia permitiria que eu me reinventasse; tinha achado que se eu controlasse suficientemente meu corpo, meus trejeitos, minha voz (treinava para minha voz ficar mais grave), ninguém no colégio poderia me chamar de viado, a chegada ao colégio poderia ser o ponto de partida de uma vida nova, o fim do insulto, e eu poderia ficar amigo dos outros meninos – é isso, na cidade eu imaginava que os meninos ficavam longe de mim por causa da minha reputação, e que num lugar onde eu não tivesse uma reputação, um passado e portanto não tivesse história, poderia recomeçar tudo do zero. (LOUIS, 1992, p. 36-37)

Eu acreditava que em algum momento eu tenha me desviado do normal e começado a ser visto como diferente e por se tratar mais de uma implicância e resenha como chamam as brincadeiras, apelidos e ofensas dirigidas a alguém, eu tinha sido vítima destes insultos e uma hora passaria.

Eu me vi nestas palavras, pois o mesmo ocorreu comigo. Quando de 1991 até 1992 meu pai começou a falar que teríamos que deixar o lugar onde nasci para buscar melhora em outras terras, comecei a alimentar a esperança que ao mudar para outro lugar que ninguém me conhecia, eu escreveria uma nova história para minha vida e apagaria o passado, passando nesta nova terra a extirpar todos aqueles comportamentos que eram os causadores das resenhas, dos insultos e da minha diferença em relação aos meninos “normais”. Eu sonhei e planejei durante mais de um ano até nos mudarmos. Quando nos mudamos, ao chegar à nova cidade, não sei se por esquecimento ou por de fato não ter controle, não demorou muito para os insultos voltarem. Assim, como Édouard Louis, eu não consegui.

Acreditem! Eu lutei com todas as minhas forças para mudar, mas não consegui. E tudo esse processo de insultos, dores e incertezas não era algo claro em minha mente. Eu de fato ainda não sabia o que eu era sexualmente e de fato o que eu gostava. Esse processo nas gerações mais velhas era muito demorado e mais confuso que agora. Não está resolvido no presente, mais as informações circulam com maiores facilidade e por muitos canais. Na minha adolescência ninguém dentro do meu convívio falava sobre questões relacionada à sexualidade, a não ser por insultos que não eram claros, mas sim ofensivos e estenotipados (o que continua ambos) e carregados de duplo sentidos.

Esse processo de entendimento geral da minha condição para iniciar o processo de aceitação da minha diferença de orientação sexual veio ocorrer muito tarde, aos 26 anos. Esse processo se deu pelos lugares e com pessoas que passei a conviver fora da escola básica. Acreditem! Não foi na escola básica e muito menos por orientação e tratamento destas questões que eu me salvei de mim mesmo. Foi inclusive, por e nesta escola que eu sofri os maiores insultos e o silenciamento da minha condição de ser diferente do padrão que a sociedade e esta escola estabeleceram que eu devesse ser.

Todo esse processo de aceitação da minha condição de homem gay surgiu em meio às descobertas de novos referenciais, que incluem lugares, pessoas, leituras acadêmicas, lituras

literárias, filmes e músicas. Todo esse arcabouço formou uma consciência afirmativa em relação ao modo como passei a senti, ver e situar minha condição nesse mundo caótico de preconceito, discriminação e de como passei a agir diante das situações de insultos e constrangimento que passaram a ser cada vez menos. Devo destacar que não sei se houve de fato uma redução dos insultos ou eles passaram a não me atingir com a mesma força devastadora com que outrora me atingia.

A mudança da maneira de me enxergar nesta realidade está relacionada as vivências e experiências que foram me atravessando e gerando novos conhecimentos e discernimentos acerca da teia de poderes e micro poderes que estão presentes nas relações sociais e em suas construções, valores e regras. Nesse sentido quando nos referimos às relações de gênero e sexualidade, estas construções se apresentam como performatividade, ou seja:

a distinção entre expressão e performatividade é crucial. Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. (BUTLER, 2018, p.188)

O discernimento de que “andar direito, andar como homem” são expressões de masculinidade e feminilidade construídas socialmente como forma de regular e restringir os atos performativos próprio do gênero que se apresenta de maneira própria e muito diversa das tentativas de regulação pelas estruturas restritivas de dominação heteronormativa e cristã, só foi possível graças à teoria.

Assim,

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender- apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um lugar de cura. (HOOKS, 2013, p. 83).

Assim como Hooks (2013), pude ser salvo pela educação e a partir desta pela teoria. A angústia que carregava por não saber o porquê da performatividade que meu corpo ensaiava e a tentativa de performatividade dentro da ficção regulatória da heteronormativa foi superada quando fui capaz de compreender os atos regulatórios das tentativas de construir uma identidade de gênero verdadeira ou falsa, real ou distorcida. Isso me possibilitou compreender as forças regulatórias sobre os corpos e a tentativa de universalização de padrões sexuais aceitos e os negados. Esse entendimento possibilitou-me abandonar o sentimento de culpa, de insegurança e dúvidas para ser ponto de afirmação do marcador da minha diferença e conseguir empreender ações cotidianas que rompam com o silêncio, o medo e a avaliação do olhar estereotipado do outro sobre mim.

Aqui entra a importância da educação e da escola. As discussões em torno da escola e seus cotidianos são bastante amplos e complexos. Pois as críticas em todo do papel e função

da escola é historicamente travada por aqueles que defendem e ou criticam a escola e conseqüentes correntes pedagógicas, onde a segunda determina ou direciona a ação da primeira. Temos as teorias não-críticas com a Pedagogia Tradicional, Pedagogia Nova e Pedagogia Tecnicista; Teorias crítico-reprodutivistas com repercussão das teorias da violência simbólica, da escola como aparelho ideológico de Estado e teoria da escola dualista. (SAVIANI, 2002). Independente destas tendências e direcionamentos sabe-se que a escola tem sido lugar de tensões constantes quando se discute sua função, seus conhecimentos e seu público.

A função da escola para Young (2007, p.1294), “é que elas capacitam ou podem capacitar jovens a adquirir o conhecimento que, para a maioria deles, não pode ser adquirido em casa ou em sua comunidade, e para adultos, em seus locais de trabalho”. Nesse sentido, o autor defende a tese da função da escola a partir dos tipos de conhecimentos e das suas definições. Apresenta dois tipos: conhecimentos dos poderosos e conhecimento poderoso. As definições de ambos entram no centro do que tem sido tratado em relação às teorias pedagógicas e as suas finalidades. Para este texto gosto de pensar a partir da definição de “conhecimento poderoso”, segundo o qual “não se refere a quem tem mais acesso ao conhecimento ou quem o legitima, embora ambas sejam questões importantes, mas refere-se ao que o conhecimento pode fazer”. (YOUNG, 2007, p. 1294).

O enfoque que pretendemos dá a esse texto a partir da definição de “conhecimento poderoso” é que de fato a escola lida com todos os tipos de conhecimentos, mas este de fato é poderoso por vários motivos. O primeiro é que sendo poderoso, traz consigo a possibilidade de desconstruir as ideologias e alienações e mostrar a realidade com as várias lentes que desvelem as estruturas, as pós-estruturas e fissuras que a realidade está exposta. A segunda é que tem a possibilidade de mesmo dentro de um sistema ideológico e de alienação provocar rupturas nos seus agentes. Seja de forma isolada no nível do indivíduo ou da coletividade. Mas, estará aberta e propensa a estas possibilidades.

Nesses termos, refletimos sobre a atuação pessoal, mas, que tem muito das motivações dentro do quadro das movimentações coletivas, por meio e a partir da escola. Apesar das denúncias aqui feitas e feitas pela literatura da omissão da escola no tratamento das questões de gênero, sexualidade, raça e tantos outros marcadores da diferença. É primeiramente na escola que nos colocamos diante da possibilidade de acesso ao “conhecimento”, de questionar este conhecimento e construir outros conhecimentos. Sendo assim, foi na escola que apagou e tentou silenciar a minha existência que eu pude descobrir por meio da teoria e de um conhecimento que me fosse válido, questionar este apagamento e resistir. É fato que lá eu continuei a existir e a minha existência como corpo divergente era por si só uma forma de resistência.

Essa resistência em permanecer nesta escola, levou-me a não desistir e poder hoje entender que ela foi importante e continua importante na vida das pessoas que a habitam e conseguem resistir. Pois, resistindo elas existem e vencem o processo de exclusão tornando

força para lutar pelos que foram deixados no meio do caminho e para os que ainda adentrarão esses espaços. Foi resistindo a ela que tive acesso à teoria e hoje consigo compreender os processos que nos excluem e lutar para desarmá-los. Foi na escola e por meio da escola que fui capaz de conseguir entender o papel da verdadeira educação, quando esta não me tornou um opressor do oprimido. (FREIRE, 2016).

Para não concluir

Por se tratar de um texto em andamento, ele se apresenta mais como um ensaio e, por isso mesmo, trará os conceitos de forma sucinta e objetiva como forma de sinalizar as inclinações teóricas e metodológicas dentro desta problemática sinalizada neste sucinto fio de memórias.

Assim, como dito anteriormente no fragmento de memória que a educação básica não foi o local que possibilitou o meu processo de descoberta da minha orientação sexual. Mas, foi nela que houve a possibilidade de avançar, mesmo a revelia das suas intenções propositalmente para outros tempos e espaços promovendo atravessamentos que mudaram a forma de ser e estar no mundo. Foi na literatura atual e nas lembranças do tempo de escola que passei a pensar sobre a palavra invisibilidade usada atualmente para denunciar a falta de políticas públicas, de inclusão, do racismo, do sexismo que invisibiliza os corpos/vidas dissidentes do padrão estabelecido para a performatividade do gênero e da sexualidade.

A palavra invisibilidade talvez possa ser usada em muitas situações que diga respeito a situações que não são visíveis na sociedade. Todavia, quando nos referimos aos atos performáticos dos atributos do gênero, das questões raciais e da classe, ela não seja a mais adequada a ser usada para caracterizar um estado de coisas que subalterniza, inferioriza e procura exterminar os componentes destas categorias. Visto que, sua definição no dicionário Houaiss Conciso (2011), “é o que não pode ser visto; O que não se deixa conhecer ou ser visto”. Nesse sentido, o que o fragmento de memória e os depoimentos de gays, pessoas pretas e pobres que se tem na literatura comum e especializada é que essas pessoas são tão vistas que o preconceito, a discriminação, os estereótipos, nos visibilizam tanto, que nos apontam, nos marcam e nos matam.

Esse tencionamento será aprofundado no adiantamento deste texto que pretende discutir o papel da escola e do currículo no trato com as questões da pretensa “invisibilidade” da escola para as questões de gênero, raça, sexualidade e classe social.

REFERÊNCIAS

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Fausto Castilho (edição bilíngue). Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012;

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, jul./dez. 2011.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. 35 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

YOUNG, M. **Para que servem as escolas?** Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 101, 1287-1302, set./dez. 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013, p. 83-104.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade; tradução Renato Aguiar. – 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

LOUIS, ÉDOUARD. **Mudar**: Método; tradução Marília Scalzo. – ed. São Paulo: Todavia, 2024.

Palavras-chave: Teoria; Gênero; Sexualidade; Invisibilidade.